

BRUNA CAMILA TROMBINI SCHNEIDER

**A TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM TIRINHAS DA
MAFALDA: NO ES ORO TODO LO QUE RELUCE**

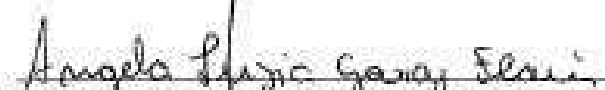
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras
Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial
para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, defendido em banca
examinadora em 23/11/2015.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Laião

Aprovado em: 23/11/2015

BANCA EXAMINADORA


Profa. Me. Camila Teixeira Saldanha (UFSC)


Profa. Me. Angela Luzia Garay Flain (UFFS – Chapecó)


Profa. Me. Larissa Tirloni (UFFS – Chapecó/membro suplente)

Chapecó – SC, 23 de novembro de 2015.

A tradução de expressões idiomáticas em tirinhas da *Mafalda*: “no es oro todo lo que reluce”¹

Bruna Camila Trombini Schneider²

brunatrombini126@gmail.com

RESUMO: A tarefa de tradução, quando realizada de forma mecânica e sem reflexão, implica na perda de elementos importantes para que aconteça uma boa comunicação de uma língua a outra e o tradutor acaba por se tornar um traidor como já dizia a conhecida frase italiana *Traduttore, traditor* (tradutor, traidor). Muitas dessas perdas acontecem porque o contexto cultural da língua de partida (LP) é diferente do contexto da língua de chegada (LC) e o tradutor deve escolher se ajusta os elementos culturais à LC ou se prioriza a letra da LP. Os gêneros textuais estão imbuídos de elementos culturais, já que devem satisfazer a comunicação de uma sociedade, portanto o trabalho do tradutor é sempre um desafio, já que deve trabalhar com dois contextos distintos. As expressões idiomáticas (EI) são um exemplo de como língua e cultura são indissociáveis, pois são expressões que se constroem a partir de elementos culturais e nem sempre permitem uma tradução ao pé da letra, pois desta forma o sentido pode se perder. A fim de investigar o processo tradutório das EI, este artigo tem como objetivo principal verificar como os elementos culturais presentes em EI encontradas nas tirinhas da obra do cartunista argentino Quino, *Toda Mafalda* (2013), foram traduzidos à língua portuguesa. Para tanto, selecionamos, de forma consciente, 5 tirinhas da LP e suas traduções para a LC a partir dos seguintes critérios: (i) a tradução da EI para a LC; (ii) a presença de elementos característicos do gênero textual em questão: o humor e/ou a ironia; (iii) o contexto cultural que envolvem e tematizam as tirinhas a partir das EI encontradas e (iv) a comunicação presente nas tiras e ampliadas através da ótica da tradução funcionalista. A hipótese deste trabalho é a de que as tirinhas traduzidas seguiram um viés funcionalista, levando em consideração as EI presentes. Para a discussão dos dados encontrados, que versa sobre tradução e cultura, foram necessárias as contribuições da teoria funcionalista de tradução de Nord (2010a), bem como a visão de língua e gêneros textuais de Marcuschi (2010) e Bakhtin (2010). Para amparar as discussões acerca dos elementos culturais apresentados pelo gênero textual tirinha e pelas EI, temos os relatos teóricos apontados por Ramos (2007), Costa-Hübes (2011) e Mendonça (2010). Os resultados encontrados confirmam a hipótese inicialmente lançada, o que torna a comparação das traduções um exercício de comparação cultural, através das EI, interessante e rico para ser abordado em sala de aula, explorando a tradução como uma ferramenta pedagógica e de auxílio ao ensino de línguas estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVE: Tirinhas; Mafalda; Tradução; Expressões Idiomáticas; Tradução pedagógica.

RESUMEN: La tarea de traducción, cuando realizada de manera mecánica y sin reflexiones, implica en la pérdida de elementos importantes para que ocurra una buena comunicación de una lengua a otra y el traductor se torna un traidor como decía la frase italiana *Traduttore, traditor* (Traductor, traidor). Muchas de esas pérdidas ocurren porque el contexto cultural de la lengua de partida (LP) es distinto de la lengua de llegada (LL) y el traductor debe escoger si ajusta los elementos culturales a la LL o si prioriza la letra de la LP. Los géneros textuales están llenos de

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Maria José Laiño.

² Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

elementos culturales, ya que deben satisfacer la comunicación de una sociedad, por lo tanto el trabajo del traductor es siempre un desafío, ya que debe trabajar con dos contextos distintos. Las Expresiones Idiomáticas (EI) son un ejemplo de como lengua y cultura son indisolubles, pues son expresiones que se construyen a partir de elementos culturales y no siempre permiten una traducción al pie de la letra, pues de esta forma, el sentido puede perderse. Con el objetivo de investigar el proceso de traducción de las EI, este artículo tiene como objetivo principal verificar cómo los elementos culturales presentes en EI encontradas en la obra del cartonista argentino Quino, Toda Mafalda (2013), fueron traducidos a la lengua portuguesa. Para tanto, seleccionamos de forma consiente, 5 tiritas de la LP y sus traducciones para la LL a partir de los siguientes criterios: (i) la traducción de la LP para la LL; (ii) la presencia de elementos característicos del género textual en cuestión: el humor y/o la ironía; (iii) el contexto cultural que envuelve y tematizan las viñetas a partir de las EI encontradas; y (iv) la comunicación presente en las viñetas y ampliadas a través de la óptica de la traducción funcionalista. La hipótesis de este trabajo es la de que las viñetas traducidas siguieron un camino funcionalista, llevando en consideración las EI presentes. Para la discusión de los datos encontrados, que versa sobre traducción y cultura, fueron necesarias las contribuciones de la teoría funcionalista de traducción de Nord (2010a), bien como la visión de lengua y géneros textuales de Marcuschi (2010) y Bakhtin (2010). Para amparar las discusiones sobre los elementos culturales presentados por el género viñeta y por las EI, tenemos los relatos teóricos apuntados por Ramos (2007), Costa-Hübes (2011) y Mendonça (2010). Los resultados encontrados confirman la hipótesis inicialmente presentada, lo que torna la comparación de las traducciones un ejercicio de comparación cultural, a través de las EI, interesante y rico para ser abordado en clases, explorando la traducción como herramienta pedagógica y de auxilio a la enseñanza de lenguas extranjeras.

PALABRAS-CLAVE: Viñetas; Mafalda; Traducción; Expresiones Idiomáticas; Traducción pedagógica.

Introdução

As expressões idiomáticas (doravante EI), frases carregadas de sentido conotativo e metafórico aliados à culturalidade de uma região ou país, podem ser encontradas em diversas situações de nosso cotidiano. “Cada macaco no seu galho” e “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” são EI comuns na linguagem de um falante do Português Brasileiro, bem como o sentido por trás delas: a primeira não está se referindo a macacos em árvores, mas sim utiliza a simbologia para retratar, em determinados casos, que cada um deve cuidar de sua vida ou de seus afazeres; a segunda retrata a persistência de um indivíduo perante um obstáculo ou uma dificuldade, e não o processo ou a proposta de utilizar a água para furar uma pedra. Percebemos, sem dificuldade estas possibilidades de interpretação porque, como brasileiros, conhecemos seu significado metafórico e o contexto de utilização de cada uma através da inserção e uso de tal linguagem. Ou seja, as EI carregam, através de seus elementos linguísticos, aspectos semânticos que dependem dos elementos culturais para obter significado, sendo que todas as línguas estão imbuídas de aspecto marcados pela culturalidade.

Em nosso estudo, assim como na língua materna, a língua estrangeira (LE), também a partir do uso de EI, carrega elementos culturais muito importantes para a comunicação e também para a interação social entre os interlocutores. Se traduzirmos a EI anteriormente mencionada, “Cada macaco no seu galho”, de forma literal à língua espanhola, língua em análise neste trabalho, sem uma reflexão necessária, “*Cada mono en su rama*”, provavelmente não atingiremos a adequação cultural, linguística e comunicativa equivalente à expressão da língua portuguesa no que condiz a variedade brasileira da língua. As EI estão diretamente ligadas a seu entorno cultural, e uma tradução literal, *ipsis litteris*, na maioria das vezes não atingirá o sentido total da expressão, já que as palavras que formam uma EI estão conectadas entre si, dependendo uma da outra, formando um bloco de sentidos. Através de pesquisa e reflexão, podemos buscar e encontrar uma alternativa de tradução funcionalista ao espanhol que satisfaz o campo semântico. Dessa forma, a EI “*Cada oveja con su pareja*” supre as lacunas de tradução e se torna equivalente em seu nível funcional.

A partir desse contexto, este artigo tem como objetivo verificar como os elementos culturais presentes em expressões idiomáticas das tirinhas da obra do cartunista argentino Quino, *Toda Mafalda* (2013), foram traduzidos à língua portuguesa. Como critério metodológico coletamos todas as tirinhas com EI da obra na Língua de Partida (LP). Através da tradução da EI para a Língua de Chegada (LC), o contexto cultural que envolvem e tematizam as tirinhas a partir das EI, a presença de elementos característicos do gênero textual em questão, o humor e/ou a ironia, e também a interação com o leitor, presente nas tiras e ampliadas através da ótica da tradução funcionalista, selecionamos 5 tirinhas para uma análise tradutória, apresentadas neste trabalho.

A partir das EI presentes na obra argentina e traduzidas para a versão brasileira, elementos culturais que permeiam o gênero textual tirinha, o seu contexto, o país de circulação e, principalmente, a tradução à língua portuguesa, tornam-se elementos chave de análise e serão levados em consideração na discussão dos dados encontrados. A partir da teoria de tradução funcionalista abordada por Nord (2010a), nos propomos a realizar tal análise formulando a seguinte hipótese: as traduções das EI encontradas nas tirinhas analisadas foram efetuadas de maneira funcional, o que torna o material rico para ser trabalhado em sala de aula de LE, já que os elementos culturais podem ser abordados na mesma importância que os elementos estritamente linguísticos.

Outro ponto abordado neste trabalho é a reflexão sobre o conceito de tradução. Quando pensamos em tradução logo nos vem à mente a premissa de que traduzir é transmitir de uma língua para a outra códigos de sistemas linguísticos diferentes: de uma LP a uma LC (NORD, 2010). No processo tradutório, além de dois sistemas linguísticos distintos existe a necessidade de compreender da mesma forma o funcionamento de dois sistemas culturais diferentes. A diferença entre esses dois contextos culturais é ainda mais evidenciada quando ocorre o uso de EI dentro das tirinhas da *Mafalda*, neste caso específico, que apresenta elementos importantes da cultura de uma sociedade através da representação de contextos do cotidiano.

Para abarcar a discussão teórica deste trabalho, temos como base os pressupostos linguísticos de Marcuschi (2010) e Bakhtin (2010) dando suporte ao conceito de língua aqui abordado, além da visão sobre o uso dos gêneros textuais. Ramos (2007), Costa-Hübes (2011) e Mendonça (2010) contribuem no que diz respeito às EI e Nord (2010a) dá suporte para o debate dos resultados encontrados, levando em consideração a estrutura do gênero em questão e as diferenças tradutórias, com foco na discussão da importância dos elementos culturais presentes nas EI.

1 Gêneros Textuais: os alicerces teóricos de Marcuschi e Bakhtin

Os gêneros textuais estão presentes nos mais variados ambientes de nosso dia a dia. Quando recebemos um panfleto na rua, vemos uma publicidade na televisão, lemos o jornal do dia ou nosso livro preferido, entre várias outras situações, colocamos em prática a funcionalidade comunicativa ao estabelecer sentido através dos mais variados gêneros textuais.

Para Bakhtin (2010), quando nos comunicamos, de forma oral ou escrita, nossos enunciados “refletem as condições específicas pela temática e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (p. 261). Além deste conceito inicial, Marcuschi (2010) aponta que os gêneros textuais estão ligados à vida cultural e social da sociedade contribuindo com a ordem e estabilidade das atividades comunicativas cotidianas. Além disso, eles se caracterizam muito mais que por suas funções linguísticas e estruturais: a função comunicativa, cognitiva e institucional destacam-se porque situam-se e integram-se nas culturas em que se enraízam (MARCUSCHI, 2010).

Os dois conceitos ambivalentes recém vistos apontam que, de acordo com a temática escolhida pelo falante, a linguagem se adequa formando modelos de texto e a comunicação acontece, em outras palavras, a partir dos diferentes gêneros textuais, sendo que estes têm suas estruturas relativamente estáveis e são adaptados a partir de seu uso. Isto quer dizer que, ainda que os gêneros discursivos tenham as suas formas pré-definidas, há liberdade para inovações, tanto linguísticas como estruturais, que recebem interferências externas para além da língua formal: “sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, composição e função” (MARCUSCHI, 2010, p. 24).

Dessa forma, podemos perceber que os gêneros nunca estão cristalizados em suas formas e funções e podem ser mobilizados em tarefas para as quais não foram originalmente criados com o propósito de interagir entre os diversos interlocutores que trocam informações em um processo comunicativo, como por exemplo o gênero textual convite de casamento. Estamos acostumados com um certo tipo de estrutura estática, com letras e imagens que comunicam quem são os noivos, o endereço da festa, o dia da cerimônia, lista de presentes, etc. Mas existem diversas ideias de convites que são em formato de jogo de vídeo game, por exemplo. A intenção é fazer com que os convidados joguem o jogo para descobrirem várias informações sobre a data comemorativa, como o dia da celebração, etc. Nessas mudanças de função, os gêneros também mudam de forma, às vezes, o suficiente para que um novo gênero seja reconhecido e assuma um novo uso. É o caso do gênero textual Histórias em Quadrinhos (doravante HQ), em que a forma relativamente estável dos gêneros textuais, em contato interativo com os interlocutores e com o uso da língua, permitiu que se criassem uma constelação de outros gêneros textuais a partir de um inicial, usando de características semelhantes, como as HQ, apontados na sequência deste artigo.

1.1 Da História em Quadrinho à tirinha: os personagens de *Mafalda* em foco

As HQ surgiram no final do século XIX, no contexto histórico da revolução industrial, através da circulação dos jornais caracterizando-se por ser um gênero textual de fácil identificação e compreensão, e que se realiza no meio escrito através de quadrinhos, buscando reproduzir a fala, geralmente de conversas informais (COSTA-HÜBES, 2011). Com a presença constante de interjeições, reduções vocabulares, ilustrações e com

assuntos do cotidiano, as HQ correspondem a uma sequência narrativa, tornando-se assim, um gênero que pode comportar elementos de humor e ironia, por exemplo (MENDONÇA, 2010).

Além disso, a combinação entre a linguagem verbal e não verbal conquistaram leitores pela economia de texto e comunicação rápida, interagindo com o leitor de forma divertida, já que é a imaginação do leitor que move as figuras. Os balões característicos, a presença de onomatopeias, elipses, entre outros elementos presentes nas HQ, contribuíram na plasticidade, bem como configuraram as características essenciais do texto: interação do texto com o leitor e a criatividade no uso da combinação imagem/elementos verbais (COSTA, 2009).

Representante da modificação e da evolução cultural, além da adaptação que os diferentes gêneros textuais estão sujeitos (já apontados por Marcuschi e Bakhtin), o gênero HQ ramificou seu estilo para a caricatura, a charge, o *cartum* e as tirinhas, sendo esses gêneros portadores de características semelhantes e que comportam o uso de quadrinhos, o uso da linguagem informal e cotidiana, além da presença ou ausência de balões para as falas, entre outros elementos e aspectos (MENDONÇA, 2010).

As tirinhas, gênero textual em foco nesta pesquisa, assim como afirma Mendonça (2010), além de derivar das HQ, possuem mais elementos que as definem, de forma relativa: elas são mais curtas que as HQ, compondo-se em média de quatro quadrinhos, e podem ser sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). Dentro da categoria de tiras fechadas existe a divisão em dois subgrupos: as tiras piada, em que o humor está em foco através de uma dupla interpretação, por exemplo, e as tiras episódio, em que o humor ocorre a partir do desenvolvimento da temática de determinada situação.

Podemos perceber as características do gênero textual tirinha, como a estrutura e os elementos de humor e ironia, no trabalho do cartunista Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, através das personagens de *Mafalda*, escritas e publicadas entre as décadas de 60 e 70 na Argentina. A personagem principal, e que leva o nome da obra de Quino, Mafalda, é uma menina de 6 anos que se manifesta sempre inquieta com a trajetória do ser humano e a paz no mundo, utilizando uma linguagem bastante madura e propondo reflexões que não se esperam que partam de uma criança.

Publicada em um contexto de pós Guerra Fria, as tirinhas apresentam discussões sobre questões econômicas e sociais de seu país de origem, além de inovações

tecnológicas, como o uso do rádio, a popularidade e acesso a TV e aos carros, por exemplo, tendo como pano de fundo o cotidiano de uma turma de crianças e alguns adultos que estão inseridos nesse contexto. Além de Mafalda, compõem as tirinhas os personagens Felipe, Manolito, Susanita, Miguelito, Libertad, Guille e os pais de Mafalda, além de participações de personagens que simbolizam a sociedade em geral.

Na Tirinha 1 (ilustrada abaixo), interagimos com o gênero textual em estudo, bem como os personagens a obra *Toda Mafalda*. As crianças Mafalda e Felipe travam uma discussão com respeito ao brinquedo ioiô (*yó-yó* em espanhol).



Tirinha 1: Mafalda em espanhol – *el yó-yó*. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 12.

Na tirinha, Mafalda pergunta à Felipe o que tinha na mão, já que nunca havia visto aquele objeto antes e Felipe responde que é um iô-iô. A confusão já começa na primeira resposta, pois o nome do brinquedo em espanhol – *yó-yó* – se pronuncia da mesma forma que a primeira pessoa do singular em língua espanhola – *yo*. Portanto, ela entende dessa forma e responde usando a segunda pessoa do singular usado na Argentina – *vos-vos*?³, já que havia entendido que era a primeira pessoa do singular duplicada. Felipe frisa que o nome do brinquedo é um iô-iô, explicando que não se trata da primeira pessoa do singular (não é eu), mas não resolve o problema de compreensão da Mafalda. Na tentativa de explicar novamente, Felipe é chamado de egocêntrico por sua amiga.

Na versão em língua portuguesa (tirinha 2) houve a necessidade em apontar com uma nota de rodapé, *em espanhol: *yo-yo* = eu-eu, como forma de explicar ao leitor a razão do desentendimento entre os personagens, a fim de que o leitor brasileiro perceba o humor da tirinha.

³ Trata-se de um pronome de tratamento informal usado para falar diretamente com uma pessoa. Este pronome é usado somente no espanhol da América Latina. Em português poderíamos traduzir para tu ou você, dependendo da região e do contexto situacional.



Tirinha 2: Mafalda em português – o iô-iô. Fonte: Quino, Toda Mafalda, edição brasileira, 2006, p. 12.

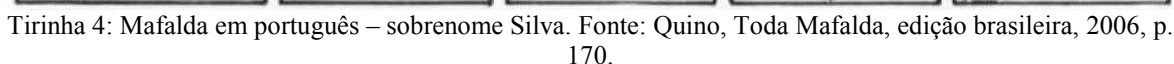
Apesar de podermos analisar a tirinha a partir de um enfoque linguístico, podemos perceber que este gênero textual está vinculado, também, a elementos externos ao seu meio de circulação. A ironia e o humor, os balões indicativos e a reprodução da fala cotidiana são elementos-chave que se desenvolvem no gênero textual em destaque, dando margem a inferências externas à tipologia textual, já que existe uma interação com o leitor da tirinha através de uma nota de rodapé (RAMOS, 2007).

Tais aportes elencam possibilidades de análises para além de questões linguísticas e gramaticais que uma determinada língua possui, como os infinitos elementos culturais, por exemplo, presentes nas tirinhas apresentadas anteriormente, mas que somente um leitor que possui algum conhecimento linguístico e cultural da língua espanhola poderia perceber traços humorísticos verificados através da conversa entre os dois personagens.

A tirinha 3, ilustrada a seguir, também é um exemplo que apresenta a estrutura deste gênero textual envolvendo elementos culturais. Nessa tirinha, a personagem Mafalda está lendo a lista telefônica e se depara com a presença de inúmeros sobrenomes *Pérez*. A exclamação da menina se faz de acordo com a grande quantidade de referências telefônicas para pessoas com esse sobrenome, além de comparar com a quantidade de chineses no mundo.



Conhecendo a cultura do país em que esta tirinha está inserida, a Argentina, podemos perceber que *Pérez* é um sobrenome muito comum e bastante presente nesta sociedade, tornando-se assim um elemento cultural marcador deste país e/ou de sua população. Na versão brasileira (tirinha 4), podemos perceber que o sobrenome *Pérez* não teria o mesmo efeito que teve na tirinha da LP, sendo substituído pelo sobrenome Silva, comum no país brasileiro, concluindo assim que sobrenomes são elementos culturais marcadores de um determinado país e sua diversificada cultura.



Através dos exemplos apresentados na seção anterior e, como aponta Stuart Hall (2006), os elementos e aspectos culturais estão vinculados e embutidos nas mais diversas línguas. Podemos perceber que elementos de culturalidade estão presentes, através do uso das línguas, nos mais variados gêneros do discurso, bem como o seu uso na linguagem cotidiana, item característico do gênero textual tirinha. Para Hall (2006), falar em uma determinada língua não significa apenas expressar pensamentos e sentimentos, também significa ativar as possibilidades de sentidos que transpassam a barreira linguística e refletem os sistemas culturais. Em outras palavras, a cultura se apresenta na língua e perpassa elementos apenas comunicativos: a comunicação é o transporte que apresenta costumes, ideias e ideologias, entre outros.

10

hábitos que se diferem de outras comunidades. Ou seja, cultura envolve a história de um povo, seu modo de pensar e agir, tudo aquilo que vive no dia a dia ou que executou no decorrer dos anos, seus hábitos, suas crenças, sua religiosidade e como se relaciona com outras comunidades.

Hatje-Faggion (2011) apresenta que elementos culturalmente marcados pela linguagem são aqueles que podem ser reconhecidos textualmente pelo leitor de uma cultura em evidência em determinado gênero do discurso. Todavia, se analisarmos a partir de uma tradução, a função e conotação de um texto base transpassado a um texto meta, ou seja, de uma língua para outra, os elementos culturalmente marcados podem gerar problemas no texto de chegada. Estes problemas ocorrem em virtude de existirem em tais elementos, fatores que podem ser diferentes no sistema cultural de leitores de outras línguas, além de tais elementos marcantes só existirem quando postos em um contexto de diferenciação (AUBERT, 2006).

Um grande exemplo de elementos culturalmente marcados são as Expressões Idiomáticas (EI). As EI são marcas de identificação social que transportam fragmentos históricos de uma língua, da sua cultura, dos homens que a geraram, e ainda, consideram traços de expressividade promovendo conteúdos semânticos capazes de transpor sentimentos e emoções que, por vezes, determinadas palavras não dão conta de expressar. Elas retratam crenças, ensinamentos, sabedoria, moral, costumes e são utilizadas de forma que não podem ser analisadas apenas pela sua estrutura ou somente pelo seu sentido, mas sim, pela realização entre ambos (ALVAREZ, 2011).

Para Alvarez (2011), as EI podem ser definidas como

[...] unidades sintáticas e semânticas. Elas formam uma estrutura sintagmática complexa que resulta numa unidade lexical conotativa e se refere a uma realidade específica com um sentido particular. O significado dela resultante independe do significado dos lexemas isolados que a compõem. [...] Sua extensão de sentido é metafórica e o que mantém a unidade lexical é o todo significativo (pp. 123-124).

Sendo as EI parte de uma determinada língua e cultura, o usuário da língua as utiliza para dar conta do que a linguagem convencional e denotativa não consegue alcançar. Dessa forma, as EI podem, em um texto oral ou escrito, através de seus sentidos metafóricos, simplificar a complexidade de uma argumentação, dotar de uma carga expressiva sinalizada por sentimentos como ironia, admiração, espanto, entusiasmo,

comoção, dar força ou sutileza, enfatizar a intensidade dos sentimentos de alguém, etc. (ALVAREZ, 2011).

Como este estudo está pautado em discutir a tradução de EI focando em seus elementos culturais, aliados nesta pesquisa pela linguagem cotidiana presente no gênero textual tirinha da personagem Mafalda, nosso foco está em discutir e refletir tais elementos conjugados com as contribuições da teoria de tradução funcionalista de Nord (2010a), abordada a seguir.

3 Alguns preceitos de Christiane Nord: a teoria de Tradução Funcionalista

Quando nos deparamos com uma música que gostamos em Língua Estrangeira (LE) ou uma tarefa em outro idioma, no contexto escolar, podemos ficar curiosos com o significado e a mensagem que elas nos transmitem, nos colocando frente a uma tarefa de tradução. Para conseguir entender tal mensagem que nos é transmitida, mas que, no entanto, está em outra língua, usamos algumas alternativas, principalmente buscando significados nos dicionários e nas gramáticas tradicionais. Todavia, essas ferramentas não oferecem o suporte necessário e tampouco informações suficientes ou adequadas para dar conta dos vários problemas de tradução que possam surgir, principalmente a interferência de características de estilo ou de gênero, além do uso de termos técnicos da língua/cultura envolvida (NORD, 2010a).

Além da falta de ferramentas adequadas no auxílio ao processo de tradução em sala de aula e no nosso dia a dia, percebemos a falta de reflexão acerca da ferramenta tradutória. Com essa lacuna, estudiosos se depararam com a tarefa de discutir e apontar elementos relevantes no que diz respeito aos propósitos de tradução. Nesse sentido, a teórica alemã Christiane Nord (2010a) aponta seus estudos com o enfoque comunicativo da teoria de tradução funcionalista, em que a tradução tem o principal objetivo não apenas de transpassar uma determinada informação de uma língua a outra, mas também, observar além de elementos linguísticos impressos em um texto, como a cultura. O propósito comunicativo, defendido pela teoria funcionalista de tradução também está ancorado na teoria do Escopo, ou *Skopostheorie* (do grego *skopos*: propósito) de Vermeer (1986), que tem como foco eliminar as hipóteses de que uma verdadeira tradução só ocorre a partir de elementos linguísticos únicos e corretos, utilizando dicionários e gramáticas e praticando a

tradução de forma mecânica e literal, buscando a equivalência binária, ou seja, a substituição de uma palavra por outra palavra.

Outro elemento chave que esta teoria de tradução abarca é a possibilidade de refletir acerca de uma comunicação intercultural em que o Texto Fonte (TF) - o texto de origem - e o Texto Meta (TM) - texto traduzido - estão inseridos em culturas distintas. Dessa forma, a tradução funcionalista compreende que, além de elementos linguísticos, uma tradução faz a ponte entre língua e cultura envolvidas (NORD, 2010a). Para isso, é necessário que o tradutor tenha conhecimentos que ultrapassem a barreira linguística, tomando como protagonista no processo tradutório o destinatário aliado ao contexto cultural no qual o texto foi elaborado, e não apenas fazer uso de instrumentos como os dicionários e gramáticas, recém citados.

Além das barreiras linguísticas e culturais, a tradução sob a ótica funcionalista de Nord aborda novas discussões e recortes sobre os conceitos de lealdade e fidelidade. A lealdade está pautada, pela teórica alemã, através da combinação com a funcionalidade em que o tradutor respeite a intenção comunicativa do autor original, isto é, o tradutor tem a responsabilidade de ser leal, moralmente, frente ao autor do texto original (NORD, 2010a).

Ou seja, o conceito de lealdade se constitui em avaliar a função do TF e sua culturalidade intrínseca e inata voltando-se ao seu destinatário não deixando o receptor do texto deslocado no momento da recepção, levando em consideração o proposto pelo autor do TF. Nesse caso, a lealdade está diretamente relacionada ao público destinatário.

Dessa forma, o TF não pode ser tratado como um item sacralizado na hora da tradução e, dessa forma, os pressupostos de lealdade aqui descritos, se aliam aos do conceito de fidelidade. A fidelidade está voltada ao autor do texto base e o tradutor deve levar em consideração e ser guiado pela intenção do emissor junto ao processo tradutório. Isto é, o tradutor, juntamente com a intenção inicial do emissor, deve ser levado em consideração no momento do processo de tradução (NORD, 2010a).

A fidelidade e a lealdade aqui descritas são elementos importantes da teoria de tradução funcionalista, permitindo que o tradutor reflita sobre dois elementos de suma importância antes de elaborar uma tradução: o autor e seu propósito; e seu receptor. Esses dois fatores também alimentam a reflexão acerca do conceito de equivalência.

Refletir sobre essas questões e acerca dos elementos até então destacados é tarefa primordial para que o TM cumpra, através dos diversos elementos culturais e linguísticos, o papel que propõe a tradução funcionalista: o propósito comunicativo. Para que esse

propósito seja alcançado, a autora alemã criou um modelo de análise pré-tradutório em que se deve levar em consideração uma série de fatores que compõem o período que antecede a tradução: os elementos extratextuais e os elementos intratextuais. Em síntese, os elementos de análise extratextuais: o emissor, a sua intenção, o receptor, o meio de circulação, o lugar e tempo, a função textual e o motivo. Os fatores internos ao texto, ou intratextuais, abordam o tema, o conteúdo, as pressuposições, a estruturação, elementos não-verbais e lexicais, além do efeito deste texto, a sintaxe utilizada e os elementos suprasegmentais presentes. Podemos visualizar no quadro abaixo fatores que compõe a análise pré-tradutória.

	TEXTO FONTE	QUESTOES DE TRADUÇÃO	TEXTO META
FATORES EXTERNOS AO TEXTO			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
FATORES INTERNOS AO TEXTO			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos suprasegmentais			
Efeito do texto			

Quadro 1: modelo de análise textual de Christiane Nord traduzido ao português

A partir deste modelo de análise proposto por Nord, a tradução passa a ser realizada não mais de forma mecânica, mas sim, de maneira a assegurar a comunicação, respeitando o autor do TF, o leitor do TM e os elementos linguísticos e culturais que estão mediando o gênero textual a ser traduzido.

4 A Tradução de Expressões Idiomáticas: dificuldade, estratégias e metodologia

As EI podem ser determinantes culturais de uma língua e, podem também, corresponder, em outras línguas, com uma formulação idêntica, semelhante ou de forma bastante distinta, dando conta, ou não, de visões de mundo diferentes, respeitando as

especificidades culturais, sociais e linguísticas de cada povo. Elas perpassam a barreira linguística e recorrem a elementos extralinguísticos para buscar sua completude. Como estão presentes na linguagem cotidiana de uma determinada cultura, reconhecer o que significa determinada EI requer do falante e de seu interlocutor, interpretações possíveis a partir da intenção comunicativa, bem como elementos culturais expostos e impostos, isto é, conhecimentos culturais compartilhados.

Para Nord, estas informações se confirmam acrescentando ainda que “[...] as EI são representantes do “conhecimento compartilhado” e por isso servem muito bem para introduzir um tema com muitas informações novas⁴” (NORD, 2010a, p. 251, tradução nossa). Ou seja, EI são elementos culturalmente marcados e utilizados através da linguagem, proporcionando que tais elementos se portem perante a língua de modo que podemos interpretá-los de diversas formas e, ainda, adentrar a cultura inata que tal língua agrega através do uso de seus falantes.

Através das tirinhas e argumentos teóricos apresentados até o presente momento, podemos perceber inúmeros desafios na tradução, principalmente quando relacionados a EI. Dessa forma, a tradução se torna uma ferramenta essencial para um bom entendimento e interpretação, já que, ao traduzir EI, o tradutor deve considerar a especificidade de cada língua, de cada gênero de texto, mas também as especificidades de cada povo, os seus usos e costumes, e principalmente, a sua expressividade (ALVAREZ, 2011).

Considerando ainda que neste estudo há um cotejamento entre o espanhol e português brasileiro, acrescenta-se ainda o desafio de ambas serem duas línguas irmãs – neolatinas -, que apresentam várias semelhanças entre si e se parecerem nos níveis morfológico, sintático, semântico e pragmático. Tais semelhanças, todavia, nem sempre representam uma facilidade para os tradutores, podendo apresentar diversos entraves na tentativa de criar um limite entre uma língua e outra. A tradução de diferentes elementos linguísticos e culturais, como as EI, podem passar a ser verdadeiras emboscadas já que, dadas as inúmeras singularidades linguísticas inerentes de cada língua, a busca incessante de correspondentes ideais para as EI torna-se uma tarefa difícil e até impossível, em alguns casos (ALVAREZ, 2011).

Além da pertinência da reflexão frente a duas línguas irmãs e ao processo tradutório que uma EI requer, percebemos que existem algumas dificuldades em traduzir EI, como

⁴ *Los refranes son representativos, por excelencia, del “conocimiento compartido” y por eso sirven muy bien para introducir un tema con muchas informaciones nuevas.*

aponta Baker (1992) à luz de Hatje-Faggion (2011, p. 129): (a) uma EI não possui equivalentes na língua de chegada; (b) uma EI possui um similar na língua de chegada, mas o contexto de uso pode ser diferente; e (c) uma EI pode ser usada no texto de partida tanto no sentido literal quanto idiomático ao mesmo tempo.

Com base em tais dificuldades, reflexões e possíveis problemas no momento da tradução, Hatje-Faggion (2011, p. 130 - 131) retoma novamente às ideias de Baker (1992) que sugere optar por uma das seguintes estratégias para traduzir EI: (a) Uma EI com significado e forma semelhante; (b) Uma EI com significado semelhante, mas com uma forma diferente; (c) Paráfrase; (d) Omissão.

Frente a essas dificuldades e possíveis estratégias para a tradução de EI, este artigo parte da análise tradutória de tirinhas que contém EI da língua espanhola para língua portuguesa presentes na obra *Toda Mafalda*. Como critério metodológico para encontrar e chegar ao número de 5 tirinhas, num primeiro momento coletamos todas aquelas que faziam uso de EI da obra *Toda Mafalda* em língua espanhola, totalizando o número de 53 tirinhas, nas quais algumas EI apareceram mais de uma vez. Através da tradução das EI da LP para a LC, o contexto cultural que envolvem e tematizam as tirinhas a partir das EI e a presença de elementos característicos do gênero textual em questão, o humor e/ou a ironia, além do propósito comunicativo presente nas tiras e ampliadas através da ótica da tradução funcionalista, selecionamos 5 tirinhas para uma análise tradutória.

Para tal análise foi considerada a presença dos seguintes elementos: o gênero textual tirinha e seus elementos de humor e ironia; os elementos culturais impressos na obra *Toda Mafalda*, especificamente nas EI encontradas; além da tradução da LP para a LC. Também consideramos as reflexões acerca dos recursos de fidelidade, igualdade e equivalência, e os elementos intra e extratextuais, ancorados em Nord (2010a).

4.1 Análises tradutórias de EI nas tirinhas da *Mafalda*: *no es oro todo lo que reluce*

Abordados os eixos que norteiam esta pesquisa – gênero textual tirinha, cultura, EI e tradução – e os processos metodológicos adotados, passaremos agora às análises das 5 tirinhas selecionadas.

A primeira tirinha analisada (tirinha 5), se contextualiza pela conversa entre Mafalda e Felipe sobre um brinquedo que o garoto viu na televisão. O personagem de

Felipe se caracteriza pela inocência e pela imaginação do mundo da fantasia que uma criança explora. Tais características do menino podem ser vistas na tirinha de número 5.



Tirinha 5: Mafalda em espanhol – *no es oro todo lo que reluce*. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 363.

A conversa ocorre a partir do desabafo de Felipe, dizendo que o brinquedo de montar que tinha em mãos era uma idiotice e não tão bom quanto tinha visto no comercial na TV, já que através da publicidade o produto parecia ser muito mais interessante do que pessoalmente. Mafalda, sendo astuta, responde com uma famosa EI, chamada por ela de *refrán*: “*no es oro todo lo que reluce*”, querendo dizer que por vezes as aparências enganam: o ouro brilha como muitos metais, mas nem todos os metais que brilham são preciosos, ou seja, não devemos nos deixar impressionar pelo brilho das coisas, pois elas podem não valer muito. Outro significado que a EI traz ao contexto da tirinha é que “na vida acontecem situações semelhantes: nem tudo é tão bom e bonito quanto parece⁵” (DEL DICH O AL HECHO, 2002, p. 196, tradução nossa). No segundo quadro da tirinha, Miguelito ouve a conversa e, no terceiro e último, o humor se faz presente e confirma o sentido produzido pela EI, já que pela exclamação do personagem, a interação com o leitor e também a organização da tirinha permitem isso: para ele só falta dizerem que o sol é uma *baratija*, que tem o sentido de objeto barato e de pouco valor.

O personagem Miguelito tem como características a preocupação consigo mesmo e com coisas superficiais da vida, gerando debates que para ele são importantes. Neste caso, através de sua fala no último quadrinho, percebemos sua personalidade colaborando para os sentidos impressos na tirinha e, ainda, aliadas a EI utilizada pelo autor.

Na tirinha 6 (abaixo) apresentamos a tradução para a língua portuguesa em que podemos perceber a escolha de estratégias tradutórias, como apontado anteriormente, para

⁵ *En la vida, sucede algo similar: no todo es tan bueno como nos parece.*

suprir a necessidade de interação e comunicação perante uma nova língua e um novo sistema cultural. A EI “*No es oro todo lo que reluce*” tem estrutura e significado equivalente em língua portuguesa, como apontada por umas das estratégias de tradução de Baker, em que a EI possui uma referência na língua para que se está traduzindo, e se apresenta para dar conta dos sentidos no espaço cultural do português brasileiro. Nesse caso, a tradução é “*nem tudo que reluz é ouro*”, tendo apenas como diferença a ordem sintática da oração.



Tirinha 6: Mafalda em português – nem tudo o que reluz é ouro. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 222.

O “conhecimento compartilhado”, apontado por Nord (2010a) e utilizado através do uso da língua e, especialmente nesse caso através das EI, se faz presente nas tirinhas analisadas, tanto na LP como na LC. Apesar da EI ter uma tradução possível para a LC, percebemos a mudança e adequação sintática da EI e que faz parte do processo avaliativo antes de uma tradução funcionalista. Se tal tarefa não fosse efetuada com a reflexão e adaptação necessária, avaliando apenas as estruturas, tanto nos níveis do léxico, sintático e estilístico, a tirinha traduzida para a língua portuguesa usada no Brasil, correria perigo e não lograria êxito frente às funções e aos elementos culturais de seus receptores falantes do português brasileiro. Adaptando, mesmo de forma sintática, a tradução efetuada nesta tirinha e frente a EI, “*No es oro todo lo que reluce*” para “*Nem tudo que reluz é ouro*”, cumpriu com as normas e convenções comunicativas dessa cultura (NORD, 2010a).

Apontamos ainda para a tradução da palavra *baratija* que, em sua versão em língua portuguesa também cumpre a tarefa de uma tradução funcionalista e comunicativa assim como o debate proposto pela teoria de Nord. Na versão analisada, o adjetivo em destaque foi traduzido para “bijuteria”, vocábulo aceito pelos falantes da LC da tirinha e ainda colabora com a proposta enunciativa, conotativa e humorística que o TF propunha, já que, em seu significado, bijuteria significa algo de pouco valor, item de imitação.

Na tirinha 7, em sequência, há um diálogo entre as amigas com personalidades completamente diferentes, Susanita e Mafalda. Na discussão entre as duas, Susanita diz a Mafalda que gostaria de pertencer à sociedade, ser alguém com sobrenome. Mafalda a repreende dizendo que à sociedade todos os cidadãos pertencem e sobrenome todos têm. O desfecho da tirinha acontece nos dois últimos quadrinhos quando Susanita refere-se às pessoas que têm “*El sartén por el mango*”.

A ironia utilizada pela amiga deixa Mafalda envergonhada e, ainda, a EI empregada torna os sentimentos presentes indicativos aos sentidos produzidos ao interpretamos o conjunto estrutural da tira: elementos verbais e não verbais, estrutura do gênero tirinha e a culturalidade impressa através da linguagem utilizada.

A EI encontrada na tirinha 7 tem como significado, segundo a antologia de ditos espanhóis, “ser o dono da situação; ter o poder; conduzir situações diversas⁶” (DEL DICHO AL HECHO, 2002, p. 277, tradução nossa). De fato, o significado proposto pela EI utilizada na tirinha em destaque, faz produzir sentidos ambivalentes que se adequam às atitudes das personagens interagentes. Não há compatibilidade em uma tradução sem o conhecimento da língua espanhola, já que a EI faz parte do contexto cultural da Argentina da década de 50 e ainda é utilizada nos dias atuais.



Tirinha 7: Mafalda em espanhol – *la sartén por el mango*. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 592.

Se a EI encontrada na tirinha tivesse uma tradução puramente gramatical e focada somente em seu léxico poderíamos ter o grave problema em transpassar ao público alvo da versão brasileira propostas como: “Ter a frigideira e o cabo” ou “ter a frigideira e a manga (fruta)”. No entanto, o tradutor optou por usar uma EI considerada equivalente em seu campo semântico: “Ter a faca e o queijo na mão”, como vemos na tirinha 8.

⁶ Ser dueño de la situación, tener el poder, manejar las situaciones.



Tirinha 8: Mafalda em português – ter a faca e o queijo na mão. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 364.

A tradução para “Ter a faca e o queijo na mão” não produz apenas o sentido apontado anteriormente de ter poder ou ser o dono de determinada situação. Quando trazida à LC, a EI utilizada para suprir a demanda comunicativa trás elementos a mais em seu nível de interpretabilidade: quem tem “a faca e o queijo na mão” são as pessoas que têm oportunidades na vida, essas nem sempre propostas por esforço individual, mas sim por ter um sobrenome de prestígio ou pertencer a um nível social maior. Quando se opta por uma tradução como tal, percebemos que, além dos sentidos conotativos e metafóricos que a EI em destaque propõe, percebemos que a barreira cultural presente através da linguagem utilizada entre as duas línguas, principalmente através do uso da EI, se dissolve.

Nord (2010a) aponta que nem sempre a barreira cultural presente entre duas línguas é levada em consideração no processo tradutório. Por muitas vezes, o tradutor opta em saltar a barreira cultural, sem levar em consideração o TB, tampouco o TM, podendo causar sérios riscos de comunicação a partir de sua tradução para uma nova língua. Tal salto advém de uma aproximação, por parte do tradutor, do TB, quando se acerca muito de seu original; ou do TM, quando precisa decidir o quanto do TB pode abrir mão, a fim de proporcionar uma proximidade ao público alvo do novo texto. A figura 1 (abaixo) ilustra em forma de gráfico os apontamentos de Nord.

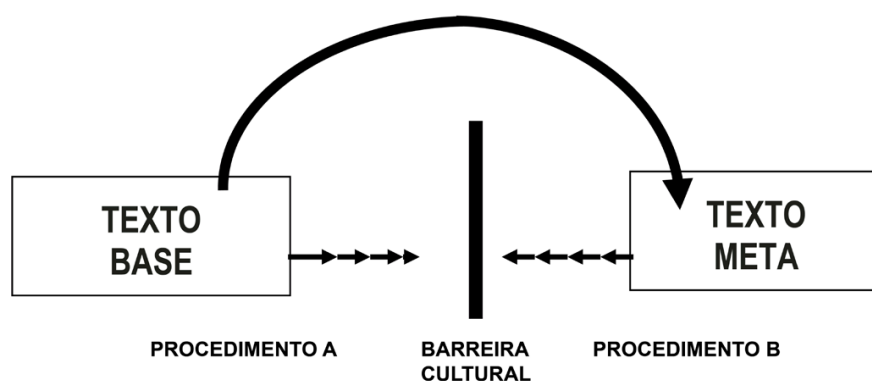


Figura 1: NORD, 2010a, p. 10.

Retornando às tirinhas 7 e 8, percebemos que o tradutor fez o salto da barreira linguística, porém, sem deixar de estreitar o laço entre TF e TM através de uma ponte entre objetivo comunicativo e funcional: ao optar por uma EI na LC, houve, além da tradução linguística necessária, a busca por elementos culturais de tal LC.

O mesmo ocorre na tirinha 9 e sua tradução, tirinha 10. Miguelito, nos quadrinhos de um a cinco, passa a conversar com um adulto que não tem seu rosto revelado. A conversa entre os dois tem um nível hierárquico e o garoto é tratado como “ser humano em desenvolvimento” e, assim, passa a receber ordens do adulto. No desfecho final, ou seja, no ultimo quadro da tira, ele conta a Mafalda, de forma irônica, que tudo não passou de um sonho, mas que eles – crianças ou seres humanos em desenvolvimento – continuavam sendo tratados sem respeito: como “*El último orejón del tarro*”. Apesar dessa interpretação, podemos perceber outro viés interpretativo já que a pessoa com quem Miguelito fala parece tratá-lo com muito respeito, utilizando, inclusive, o pronome de tratamento informal ‘usted’.



Tirinha 9: Mafalda em espanhol – *el último orejón del tarro*. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 640.

A EI utilizada no último quadrinho possui a seguinte definição: se sentir ignorado, sem que ninguém o repare. Segundo a antologia de ditos espanhóis, “O orejón - pedaço de pêssego ou outra fruta seca - que costumavam ser mantidos em frascos de boca estreita, em que o último pedaço deixado fica difícil de retirar com as mãos⁷” (DEL DICHOS AL HECHO, 2002, p. 262, tradução nossa).

Em sua versão traduzida, a tirinha 10, temos a EI traduzida para “Rapa do tacho”.



Tirinha 10: Mafalda em português – rapa do tacho. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p.

393.

Com semelhança às tirinhas 9 e 10, em que houve uma tradução de EI de forma semelhante, tanto na produção de sentido como na sua formação sintática e de léxico, a tradução da tirinha 11 para a tirinha 12 também se caracteriza pelas mesmas estratégias tradutórias tendo como tradução uma expressão que se conhece na LC. A tirinha 11 tem como protagonistas os personagens de Susanita, caracterizada pelo instinto maternal e de dona de casa, por vezes egoísta, mandona, invejosa e caprichosa; e Miguelito que, especialmente nesta tira, apresenta seu lado preguiçoso que espera que as coisas aconteçam sem seu esforço ou preocupação.

⁷ El orejón – un trozo de melocotón u otra fruta desecada – solía guardarse en tarros de boca estrecha, por el que el ultimo que quedaba era difícil de sacar con las manos.



Tirinha 11: Mafalda em espanhol – *crea fama y échate a dormir*. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 189.

O diálogo acontece entre as duas crianças quando Susanita encontra Miguelito deitado no que parece ser a calçada da rua, embaixo de uma árvore. Com seu instinto maternal, a menina pergunta ao amigo se ele está doente. No segundo quadrinho Miguelito confirma que não e, na sequência, o menino questiona Susanita utilizando uma EI para explicar sua situação: “*Crea fama y échate a dormir*”. Susanita diz que conhece a EI e então o humor e ironia característicos do gênero textual tirinha se fazem presentes no último quadrinho: o menino diz deixar para mais tarde a conquista pela fama e no momento ele está preocupado apenas com dormir e descansar.

A EI utilizada na tirinha 11, “*Crea fama y échate a dormir*”, tem como significado a seguinte descrição: “quando alguém é conhecido por determinada característica que o identifica, se torna difícil livrar-se de tal⁸” (DEL DICHO AL HECHO, 2002, p. 64, tradução nossa). Através deste contexto, podemos interpretar que Miguelito não está preocupado em construir uma determinada fama ou exaltar uma característica que tenha: ele está apenas preocupado em dormir. Todavia, apesar de percebermos isso na fala do personagem, podemos interpretar a expressão facial da menina Susanita no último quadrinho: o menino já criou uma fama escolhendo o descanso, sendo que a característica de preguiça e de que as coisas virão de maneira fácil identificam o garoto.

Ampliando o significado para esta EI, percebemos que ela consiste no julgamento de determinada pessoa, a partir de suas qualidades e defeitos, e, posto isso, não se pode mudar tal julgamento de valores, já que, uma vez reconhecida a fama, não se pode alterá-la. Ou seja, se pode dormir e acordar que a fama já foi criada.

Na tirinha 12 apresentamos a tradução da tirinha 11 para a língua portuguesa:

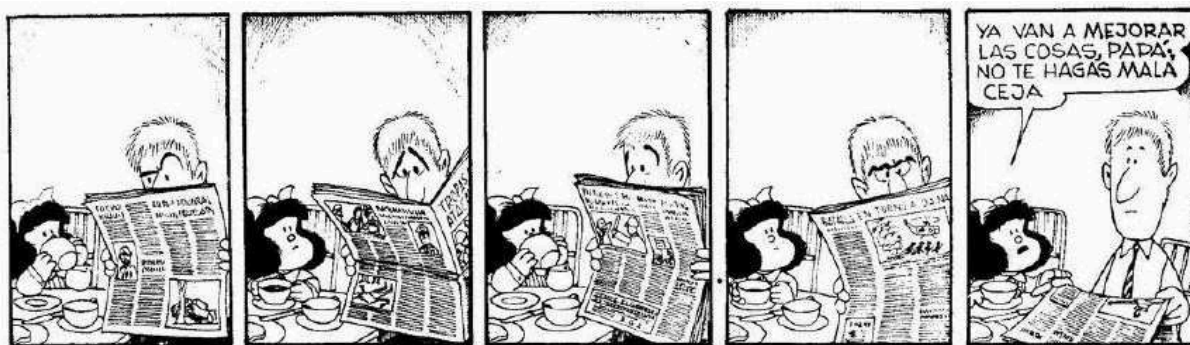
⁸ Cuando alguien es conocido por una característica que lo identifica, es difícil librarse de ella.



Tirinha 12: Mafalda em português – cria fama e deita na cama. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 115.

Através da leitura e comparação entre TF e TM das tirinhas 11 e 12, podemos perceber que, apesar a EI na LC produzir sentido ao público alvo da tirinha, existem algumas variedades para a tradução dessa EI e que poderiam ter sido adaptadas, como “Quem tem fama, deita na cama”, ou ainda, “Faz a fama e deita na cama”. A opção de tradução da tirinha 12 quanto as opções recém citadas supririam a necessidade comunicativa necessária, compactuando com os apontamentos de Nord (2010a), já que as possíveis lacunas de informação que podem se fazer presentes no TP, podem ser recheadas pelo tradutor/interprete, de acordo com a sua bagagem cultural e geral.

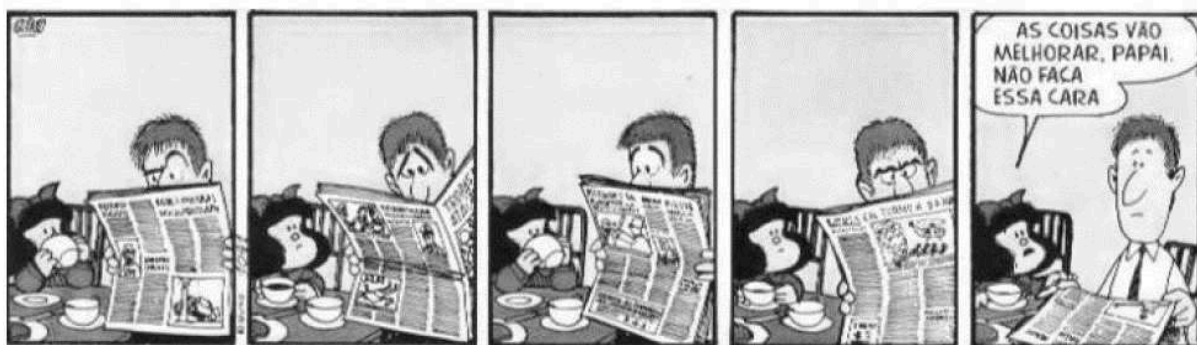
Diferentemente das tirinhas apresentadas anteriormente, a tirinha 13 (abaixo) tem como protagonistas a menina Mafalda e um adulto, seu pai. Preocupado em manter as economias do lar e com a idade que vem chegando, o pai de Mafalda, por vezes, se vê contrariado e envergonhado perante a filha que tanto conhece e critica o mundo. Com 5 quadrinhos, a tirinha em destaque conta com a presença massiva de elementos não verbais, caracterizando o gênero textual em questão e, que ainda, colaboram na interpretação humorística da tira.



Tirinha 13: Mafalda em espanhol – *mala ceja*. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição argentina, 2013, p. 365.

Do primeiro ao quarto quadrinho temos Mafalda tomando seu café da manhã e seu pai lendo o jornal. O patriarca, preocupado com as situações que adentram o mundo, lê o jornal antes de partir para o trabalho, já que a televisão era apenas mais um aparelho de comunicação e que nem todos tinham condições financeiras para adquirir um aparelho, além disso, ela não tinha a popularidade na época como tem nos dias atuais.

A leitura do folhetim diário pelo pai de Mafalda, através da passagem dos quadrinhos, se aliam às expressões faciais do jovem homem: suas sobrancelhas e expressões corporais se alteram frente às notícias que lê ao decorrer das páginas folheadas. Mafalda, após observá-lo, dá o desfecho final no último quadrinho da tirinha dizendo que a situação vai melhorar e que o pai não deve “*hacerse mala ceja*”, que significa que não deve se preocupar. O pai abaixa jornal configurando uma expressão facial atônita, surpreendendo-se com a afirmação e intervenção da filha. Nesta tirinha vemos um jogo linguístico com a palavra *ceja* (em português: sobrancelha). É a partir das sobrancelhas do pai, de acordo com as reações ao ler o jornal, que Mafalda percebe que este está muito preocupado, assustado, com raiva. Mafalda, de maneira muito inteligente, escolhe uma EI que consegue dar conta de seu objetivo e ainda faz relação às expressões do pai, protagonizadas pelas sobrancelhas.



Tirinha 14: Mafalda em português – não faça essa cara. Fonte: Quino, *Toda Mafalda*, edição brasileira, 2006, p. 223.

A tirinha 14 apresenta a tradução para a língua portuguesa. Apesar de ser uma tirinha com apenas um quadrinho que possui um balão com elementos verbais, podemos perceber que as opções tradutórias para a EI “*Mala Ceja*”, se alinham aos elementos não verbais, implícitos nos quadrinhos anteriores. A opção de tradução foi “Não faça essa cara”. Nesse caso, a EI em espanhol, se traduzida sem a reflexão necessária, de forma literal, tem como resultado “má sobrancelha”. De fato, tal conjunto de palavras não forma

uma EI e tampouco é utilizada na língua portuguesa. Conforme apontado anteriormente, algumas dificuldades em traduzir EI se apresentam no momento fatídico da tarefa tradutória. Para este caso específico, a EI não possui equivalente na língua de chegada e, como opção de tradução foi utilizada a paráfrase como estratégia comunicativa no contato entre o público alvo e a tirinha em destaque.

A estratégia de tradução adotada para a EI “*Mala ceja*”, segundo Nord (2010a), se adequa ao público alvo da LC, já que tal público não está consciente de que está lendo uma tradução porque o texto traduzido deve ser funcional frente à cultura em que estão inseridos. A competência textual em que o tradutor se insere ao efetuar a tradução faz parte de um propósito comunicativo e, indiferente do texto que for, ele deve estar incluso na cultura do público alvo. Apesar da estratégia tradutória ter sido a de explicar a EI original, ainda é possível interpretá-la e não perde seu sentido dentro da tirinha.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo verificar como os elementos culturais presentes em EI das tirinhas da obra do cartunista argentino Quino, *Toda Mafalda* (2013), foram traduzidos à língua portuguesa. Como amparo teórico tivemos as discussões sobre gêneros textuais, com Marcuschi (2010) e Bakhtin (2010); elementos culturais e EI, com Ramos (2007), Costa-Hübes (2011) e Mendonça (2010); e Nord (2010a) explanando sobre a teoria de tradução funcionalista e dando suporte para o debate dos resultados encontrados, levando em consideração a estrutura do gênero em questão e as diferenças tradutórias, com foco na discussão da importância dos elementos culturais presentes nas EI.

Como critério metodológico coletamos todas as tirinhas com EI da obra na LP. Através da observação da tradução da EI para a LC, a culturalidade e os entornos que tematizam as tirinhas a partir das EI, a presença de elementos característicos do gênero textual tirinha, e também a comunicação presente ampliada através da ótica da tradução funcionalista, selecionamos 5 tirinhas para uma análise tradutória. A partir das EI presentes na obra argentina e traduzidas para a versão brasileira, elementos culturais que permeiam o gênero textual tirinha, o seu contexto, o país de circulação e, principalmente, a tradução à língua portuguesa tornaram-se elementos chave de análise e foram levados em consideração na discussão dos dados encontrados.

No processo tradutório, além de dois sistemas linguísticos distintos existiu a necessidade de compreender da mesma forma o funcionamento de dois diferentes sistemas culturais. A diferença entre esses dois sistemas culturais é ainda mais evidenciada quando ocorre o uso de EI dentro das tirinhas da *Mafalda*, neste caso específico, que apresenta elementos importantes da cultura de uma sociedade através da representação de contextos do cotidiano.

Para Nord (2010b), em algum momento o tradutor tem o dilema de decidir entre se orientar a partir do TB ou amparar-se na cultura meta. A partir deste ponto de vista teórico e também já apontado no decorrer da discussão desse artigo, percebemos que, apesar de reconhecermos que elementos culturais são importantes e fazem parte do contexto diário nos mais diversos gêneros textuais, tais fatores, quando analisados pela ótica das EI, passam despercebidos, dando margem, por muitas vezes, por uma avaliação de língua sistêmica. Essa ótica e hipótese se confirmam no decorrer deste trabalho, já que, por vezes, as EI analisadas foram traduzidas de forma ampla, ignorando uma tradução literal e puramente linguística, e que não tem a reflexão necessária, mas que, todavia, não ignoravam a fidelidade ao TB. Ainda segundo a Nord (2010b), “a decisão de bem conservar as funções trocando as estruturas ou bem conservar as estruturas trocando as funções depende do projeto da tradução⁹” (p. 254, tradução nossa). Nesse trabalho, podemos perceber essa iniciativa por parte das traduções efetuadas da língua espanhola para a língua portuguesa, já que, em determinados casos, se refletiu acerca da funcionalidade comunicativa das EI contextualizadas junto a cultura do público alvo, sem ignorar o sentidos originais presentes e a serem transpassados com o fim de preservar o humor e a ironia, bem como outros itens do gênero textual tirinha.

Além disso, outro elemento que pautou esta pesquisa, se relaciona com o propósito comunicativo em que o gênero textual tirinha está inserido. Através das EIs utilizadas neste gênero textual, podemos perceber como os elementos culturais e linguísticos se apresentam em situações de humor e ironia, e também com a interação com leitor, por exemplo. Além desses elementos, a hipótese firmada ao início deste artigo se confirma já que, realmente, as traduções das EI encontradas nas tirinhas analisadas foram efetuadas de maneira funcional, o que pode tornar o material rico para ser trabalhado em sala de aula de LE. Podemos ver essa possibilidade pois, a partir das várias estratégias para o ensino de línguas

⁹ *La decisión de bien conservar las funciones cambiando las estructuras o bien conservar las estructuras cambiando las funciones depende del encargo de traducción.*

estrangeiras que ocuparam a história da tradução como ferramenta pedagógica – como, por exemplo, o Método Gramática Tradução, o Método Audiolingual e o Método Direto, entre outros - com o passar das décadas, não deram conta dos inúmeros fatores para que se alcançasse um produto tradutório satisfatório.

Com este artigo, apontamentos teóricos abordados, além do cotejamento de tirinhas apresentados sob a ótica da tradução, podemos afirmar que elementos culturais podem ser abordados na mesma importância que os elementos estritamente linguísticos, principalmente quando falamos de ensino e aprendizagem de uma nova língua. A ferramenta tradutória, quando bem orientada pode tornar-se uma grande aliada nesse processo, levando em consideração que o estudante recorre à tradução como forma de confirmar o seu aprendizado. Posto isso, a tradução pedagógica pode ser um caminho para desmistificar a visão da equivalência binária e também demonstrar aos alunos que língua e cultura são faces de uma mesma moeda.

Referências

AUBERT, Francis H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. In: *Revista de Estudos Orientais*, n.5, pp.23-36, 2006.

ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz. Traduzir uma expressão idiomática não é quebrar gralho, é descascar um abacaxi. In: BELL-SANTOS, Cynthia Ann; ROSCOE-BESSA, Cristiane; HATJE-FAGGION, Válmí e SOUSA, Germana Henriques Pereira. *Tradução e cultura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. P, 121-140.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

COSTA, Sérgio Ribeiro. Dicionário de gêneros textuais. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. P.124-128.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. As marcas da interação determinadas pelo mundo discursivo: reflexões sobre o gênero história em quadrinhos. In: BORSTEL, Clarice Nadir Von. COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. *Linguagem, Cultura e Ensino*. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 171-186.

DEL DICHO AL HECHO: ANTOLOGÍA DE FRASES HECHAS Y DICHOS ESPAÑOLES. Madrid. Susaeta Ediciones S.A. 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A (11ª edição) 2006, 102 páginas.

HATJE-FAGGION, Válmí. Tradutores em caminhos interculturais – a tradução de palavras culturalmente determinas. In: BELL-SANTOS, Cynthia Ann; ROSCOE-BESSA, Cristiane; HATJE-FAGGION, Válmí e SOUSA, Germana Henriques Pereira. *Tradução e cultura*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. P. 73-88.

LAIÑO, Maria José. *Multiculturalismo: propostas de recontextualizações de fatos culturais na tradução de textos em livros didáticos*. (Dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 209-224.

NORD, Christiane. *Texto base – texto meta. Un modelo funcional de análisis pretraslativo*. Heidelberg [s.n.], 2010.

_____. La intertextualidad como herramienta en el proceso de traducción. In: *Puentes*, Granada, n. 9, p. 9-18, março 2010a.

_____. Las funciones comunicativas en el proceso de traducción: un modelo cuatrifuncional. Em: *Núcleo*. nº. 27. 2010b.

QUINO. *Toda Mafalda*. Tradução de Andrea Stahel M. da Silva e outros. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Toda Mafalda*. 24. ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2013.

RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 224 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VERMEER, Hans J. *Esboço de uma teoria da tradução*. Edições Asa: Lisboa, 1986.